

**HISTÓRIA, FICÇÃO E TRANSCRIÇÃO EM JESUS DE AQUINO JAYME****HISTORY, FICTION AND TRANSCREATION IN JESUS DE AQUINO JAYME**

Divino José Pinto

Doutor em Letras pela Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP)

[djlages@hotmail.com](mailto:djlages@hotmail.com)

Flávio José de Brito

Mestrando em Teoria e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
(PUC-GO)[professorflaviobrito@ibest.com.br](mailto:professorflaviobrito@ibest.com.br)

42

---

**Resumo:** A Literatura goiana sempre contribuiu de forma significativa para o processo de construção da cultura brasileira, mas em especial, ao longo do século XX, a noção de modernidade se afirmou com produções notórias e reiteradas representações da estética. Destaca-se, nesse contexto, Jesus de Aquino Jayme e sua produção *A viagem das chuvas e outros contos*, que testemunhou a simplicidade de um espaço tipicamente regionalista e suas transformações. De forma, laboriosa e observadora, no conto Circo, o narrador constrói uma reflexão que dialoga entre a história e a ficção, possibilitando uma análise sobre o processo de transcrição do sujeito/narrador/autor em seu tempo.

**Palavras-chave:** Transcrição. Jesus de Aquino Jayme. História/historical. Memória.

**Abstract:** Goiana Literature has always contributed significantly to Brazilian culture construction process, specially, throughout the 20th century, when the notion of modernity was affirmed with notorious productions and repeated representations of aesthetics. In this context, Jesus de Aquino Jayme and his production *A Viagem das Chuvas e outros contos* stand out, which witnessed the simplicity of a typically regionalist space and its transformations. In a laborious and observant way, in the tale “Circo”, the narrator builds a reflection that dialogues between history and fiction, allowing an analysis of the process of transcreation of the subject/narrator/author in his time.

**Keywords:** Trancreation. Jesus de Aquino Jayme. History/historical. Memory.

---

Ao longo do século XX, limiar do século XXI, o conceito de modernidade literária, transformou a noção de arte escrita em todo o ocidente. No Brasil, essa ideia, quase uma obsessão dos autores, foi a base de um processo gradativo de amadurecimento estético. Em Goiás, a literatura modernista também encontrou terreno fecundo para seu desenvolvimento, valorizando a liberdade no processo de criação e o essencialismo, a partir das coisas cotidianas e simples. Nesse cenário, Jesus de Aquino

**BUILDING THE WAY**

Jayme se destaca como um exímio prosador, expondo a natureza das relações humanas permeadas pela simplicidade do espaço sertanejo, caracterizando o sujeito e ressignificando sua importância diante de coisas aparentemente desimportantes.

Aquino Jayme dirige um olhar para um ponto de intersecções múltiplas, colocando-se em um lugar no qual a história e as vivências são postas em pauta pelo processo transcriativo, no sentido de que ele traz ao conhecimento as experiências vividas, em forma de coisa sentida ao traduzir esteticamente essas experiências coletivas.

Chamamos aqui de transcrição ou processo transcriativo, o exercício realizado pelo autor de transfigurar a realidade circundante imprecisa e móvel, pelo força do signo que instaura a atmosfera estética, servindo-se do limite entre o histórico e o historial, operando exatamente nessa zona fronteira impura e carregada de resíduos.

Ao destacar Jesus de Aquino Jayme, em sua produção *A viagem das chuvas e outros contos*, será analisado o processo de transcrição na construção do conto “Circo” em que realidade e ficção se estreitam no contexto de construção da narrativa, projetando na arte o sentido da observação do autor. Segundo Gérard Genette, em *Introdução ao Discurso da narrativa*, é preciso observar como efetivamente se constrói o processo narrativo.

A narrativa é uma sequência duas vezes temporal: há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa (Tempo do significado e tempo do significante). Não só é esta dialidade aquilo que torna possíveis todas as distorções temporais de que é banal dar conta nas narrativas; mas fundamentalmente, convida-nos a constatar que uma das funções da narrativa é mudar um tempo num outro tempo. (GENETTE, 1985, p. 47)

Assim, o exercício da transcrição presente em Jesus de Aquino é, até certo ponto, uma projeção do tempo da coisa contada no tempo da narrativa, como representação de um olhar inquieto e observador da realidade que se transforma em arte, dentro do tempo da narrativa, por meio desse espectro do artista. O indivíduo e o tempo são destacados em seu conto, uma forma outra, de ver e desver o mundo.

## BUILDING THE WAY

Ainda segundo Genette, como a narrativa é sempre atual no tempo da leitura, a cada novo instante, época, leitor e contexto, o resultado da transcrição do autor se atualiza. Dessa forma, entendemos ser preciso compreender um pouco mais do autor em destaque, focalizando-o na dimensão histórico-temporal, para apreender sua natureza e consciência estética e como tudo isso é processado na sua escritura.

Na manhã do dia sete de setembro de hum mil novecentos e vinte e sete, na cidade de Pirenópolis, interior de Goiás, nascia Jesus de Aquino Jayme, o primogênito da união de duas famílias genuinamente Pirinopolina, seu pai Oscar Jayme e sua mãe Izita de Aquino Jayme eram filhos de fazendeiros da região. Morando no campo, durante toda a sua primeira infância até seus onze anos, foi durante estes anos que o contato da criança tornou-se forte com o regionalismo vigente, já que os animais domésticos ou silvestres, as árvores, o campo, os córregos e rios tornavam-se tão naturais, simples, mas necessários para a formação da criança enquanto produtor e armazenador de conhecimento sertanejo.

As obras de Jayme só começaram a ser conhecidas a partir da década de 1970, mesmo o autor já tendo produzido um roteiro de cinema no ano de 1968, chamado “A fraude” e dois anos depois outro roteiro de cinema “O puxador de cegos”. Apenas com a obra “O cometa de Halley” começou-se a gerar as discussões salutares esperadas diante da produção e qualidade do texto. Um ano depois, em 1972, publica a obra em foco neste trabalho *A viagem das chuvas*, conseguindo assim, firmar-se como nome importante na reconstrução do universo regionalista e sertanejo de Goiás.

Assim, a partir desse importante texto de Jayme, construímos nossas indagações considerando o que nos alerta alguns teóricos, cujas reflexões nos balisem, na busca da compreensão dos pressupostos inerentes ao gênero narrativo, com seus elementos e nuances. Em *Análise estrutural da narrativa*, Roland Barthes, afirma que

Mesmo que haja, no interior da narrativa, uma grande função de troca (repartida entre um doador de um beneficiário), da mesma maneira, homologicamente, a narrativa, como objeto, é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa. Sabe-se, na comunicação linguística, que eu e tu são absolutamente pressupostos um pelo outro; da mesma maneira, não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor) (BARTHES, 2008, p. 48).

Em Jesus de Aquino Jayme, estes pressupostos de Barthes, se destacam, uma vez que, em vários de seus contos revela-se uma sensibilidade plástica singular na elaboração e edificação textual. Destaca-se, ainda, que vários nomes de personagens partem do real para o ficcional, e em outros, o contrário. Apesar de não ter vivido ou presenciado o que de fato são suas narrativas, afirma ter ouvido várias “estórias” em seu tempo de infância, que serviriam de matéria aos seus enredos e seu processo de criação/transcrição, uma vez que suas narrativas se processam na imprecisão dos limites entre a história e o historial.

O sentimento de um povo em uma obra literária pode ser medido pelo sentimento do autor diante de determinada situação, pois sendo assim, episodicamente, o fato pode não ser o mesmo, mas cronologicamente é real, ou, não incomum de se acontecer, gerando uma “consciência possível”. De uma forma geral, seus textos são construídos por meio de experiências indiretas vividas e sofridas pelo autor, do que está à sua volta, ou ainda, que se ouviu contar.

Retomando a teoria de Roland Barthes sobre os narradores e a “doação da narrativa”, e aplicando no processo de produção apresentado por Jesus de Aquino é possível refletir sobre sua construção,

Três concepções parecem até aqui ter sido enunciadas. A primeira considera que a narrativa emitida por uma pessoa no sentido plenamente psicológico do termo; a segunda concepção faz do narrador uma espécie de consciência total, aparentemente impessoal, que emite a história do ponto de vista superior o de deus; a terceira concepção a mais recente, preconiza que o narrador deve limitar sua narrativa aos que podem observar ou saber os personagens, tudo se passa como se cada personagem fosse um de cada vez o emissor da narrativa (BARTHES, 2008, p. 54).

Estas três representações do narrador se configuram em maior ou menor destaque na produção dos contos de Jesus de Aquino Jayme. Sobre sua espacialidade, torna-se visivelmente notório nos contos de *Viagem das chuvas e outros contos*, um ambiente regionalista, seja este, o universo da fazenda ou da cidadezinha do interior, mas, indiferente de qual seja, a retórica de Jayme nos faz, re-viver completamente as sensações de uma região distante dos grandes centros urbanos.

**BUILDING THE WAY**

Devido à amplitude da compreensão do conceito da palavra regionalismo, começaremos por compreender seu sentido filológico, “1. apego exagerado à região natal. 2. locução ou termo próprio de uma região. 3. gênero de literatura regional.”. Partindo desta perspectiva, o objeto de análise limita-se ao regionalismo goiano, enfatizando a cultura, a linguagem e principalmente as relações sociais em específico no conto “Circo” de Jayme.

O interior apresentado por Jayme em sua obra, busca reconstruir detalhes peculiares de linguagens ou cenas que nos remetem inicialmente a qualquer interior do país, mas logo em seguida, nos dá elementos típicos da cultura goiana.

Pinchei meu chapéu pra riba  
Pra vê adonde caía  
Caiu no colo da veia  
Cruz-credo, ave Maria!

Pipoca amendoim torrrr...ado  
casei com a véia saí logrado  
Pinchei meu chapéu pra riba

Pra vê donde caía  
Caiu no colo da moça  
Isso mermo que eu queira

Vai alta a lua! Na mansão da morte  
Já meia-noite com vagar soou (JAYME, 1999, p. 16)

As quadrilhas apresentadas como cantigas típicas de crianças, mostram inicialmente como este universo é construído, principalmente por meio da simplicidade, tranqüilidade e inocência de pertencer ao interior. O homem sertanejo constrói seus mitos, folclores e lendas buscando cristalizar suas narrativas orais e coletivas que eternizam seu ritmo e forma de vida.

Os ditos populares ajudam a provar esta realidade, “Menino que morre cedo é anjinho, mas menino taludo é capeta” , assim a construção de um universo de representações nos mostram a forma de ser e ver do sertanejo diante de sua realidade, que mesmo sofrida pelo serviço pesado ainda assim é repleta de inocência e pureza.

A linguagem apresentada pelo autor pode ser considerada um dos mais fortes indícios de nosso regionalismo goiano, pois, apresenta-se muito carregada de

**BUILDING THE WAY**

nossas tradições linguísticas ou pelo menos de nossos vícios simplicistas do cotidiano do interior, como se vê: *Menino é um trem muito atentado e bobagento* (p.12); *Vivia com a boca azinhavrada e catinguenta* (p.13); *... procurava as alpercatas de couro cru* (p. 27); *Amarras de pau-a-pique a tremer as paredes* (p. 27); *... é bem capaz de dar pra ajuntar tudo...* (p. 65).

47

Algumas palavras e ditos populares já apresentados podem ser bem diferenciados de outras manifestações linguísticas do país, mas é notório o questionamento do leitor deste trabalho, em insistir na observação de porque ser o interior goiano, se apenas estas poucas exposições não nos dão uma afirmativa deste espaço geográfico? Bom vamos, portanto, pesquisar e dialogar com a obra de Jayme para obter uma certeza diante dessas dúvidas: *Lá uma manhã, a neblina ainda a encobrir o Morro do Frota, o Rio das Almas A soltar fumaça nos remansos, todo mundo era acordado pelo velho berreiro e as blasfêmias de sempre, entremeadas de obscenidades cabeludas e palavras de nenhum recato* (p. 2); *Seu Joanito chegou ontem de Corumbá e viu o circo já todinho desmontado. Acha que até depois de amanhã já está aqui* (p. 11).

A religiosidade marcante da obra propõe uma série de reflexões sobre a manifestação regional de uma crença viva e específica, em vários trechos destacam-se frases típicas desta manifestação cultural do povo simples e crente: *Minha Nossa Senhora D'Abadia do Muquem!* (pp. 28); *Meu Divino Padre Eterno!* (pp. 29).

Portanto, compreender Goiás por meio da obra de Jesus de Aquino Jayme não se torna tarefa tão difícil, já que as próprias representações de seu contexto narrativo e a apresentação de suas personagens caricaturizam modelos sociais desse nosso interior. A maneira de ser de suas personagens, transcrevem por meio das falas, atitudes, e reflexões, toda a cultura e principalmente o tradicionalismo, assim sua descrição regional é ao mesmo tempo universal enquanto esteriotipização do real, seus modelos baseiam-se principalmente nas figuras do pai, da mãe e do menino que normalmente é o nosso narrador:

O pai obedeceu, mudou dois passos, o cotovelo levantado a fim de proteger a vista da claridade. Mas o corpo do cavalo, plantado ali defronte, não dava passagem. O pai dobrou a cacunda e passou a

cabeça por debaixo do pescoço do animal. O chicote desceu num zunido, lanhando o ar feito navalha. O pai soltou um berro, quis voltar mas nova lambada pregou-o de lado, bem na cara. O menino viu quanto a taca rabiscou uma garatuja, parecendo um fiapo de cipó.

[...] A mãe falava que tinha medo que algum dia alguém fizesse alguma maldade com ele, que isso ela sempre sentia aqui dentro.” (JAYME, 1999, pp. 28/47).

Estas três personagens se repetem como representação de um conto para o outro, mas os contos não possuem uma continuidade absoluta, suas estruturas se aproximam de novela, dessa forma, mostram-se simples em suas essências, tanto nos relacionamentos, quanto na linguagem, como na manifestação da religiosidade, em sua localização geográfica, mas principalmente como representação da cultura popular goiana.

O cuidado com a escrita em Jesus de Aquino pode ser também compreendido quando refletimos Walter Benjamin, em *O narrador*:

A narração ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é segurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite a poesia épica apropriar-se dos cursos das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas. (BENJAMIN, 1994, p. 210).

Assim, no processo de transcrição entre a realidade testemunhal do autor e a representação da arte escrita na construção de seus textos, Jesus de Aquino Jayme, permite que seu narrador crie e recrie o universo do sertão goiano.

O conto *Circo* é o primeiro da obra *A viagem das chuvas e outros contos* de Jesus de Aquino Jayme, e apresenta, uma estrutura muito bem definida, tanto como construção textual, quanto desenvolvimento da temática. Aparentemente, percebe-se apenas o desejo de uma criança a espera do circo, que em uma realidade goiana do início da década de 1960, representava o máximo em alegria e diversão, principalmente, tendo em vista a falta de infra-estrutura nas pequenas cidades do interior.

Observando de forma mais cuidadosa, percebe-se também a introdução de alguns tipos de corrupções já que o circo é constituído de pessoas, e estas em sua

**BUILDING THE WAY**

maioria absorvem dos lugares por onde passam em especial, as capitais, os vícios e problemas existentes nestes lugares, mesmo de forma inconsciente, no início do texto destaca-se um fragmento que revela traços da modernidade junto à “inocência” e simplicidade das pessoas do interior: *“Muitos dias antes, todo mundo já sabia que o circo a chegar. Até a hora, até o jeito, a gente calculava: só pode ser de tarde, na hora da janta. De manhã é que não vai ser uai, é impossível. Só se viajasse a noite inteirinha”*. (p. 11).

A narrativa é apresentada pela perspectiva de uma criança, expondo toda a expectativa de uma cidadezinha do interior goiano com a chegada do circo. A felicidade é principalmente das crianças, diante da possibilidade de uma outra realidade se aproximando daquela vivida por eles, isso os fazia ficarem apreensivos. Tendo-se em vista as relações sociais muito próximas estabelecidas pelos habitantes, todos aguardavam alguma novidade sobre a chegada do circo para logo em seguida repassá-la ao outros. O protagonista criado pelo autor, uma criança de no máximo onze anos fica sabendo por intermédio de um senhor muito respeitado que estava viajando e chegava de regresso, que o circo estava próximo dali, em uma cidade chamada Corumbá, e o melhor, já estavam desarmando a lona, ou seja, dentro em breve estavam em sua cidade.

A partir dessa notícia, a criança começa a criar um universo de lembranças e recordações da última vez que o circo esteve em sua cidade. O palhaço com suas brincadeiras, sua cadelinha de pelúcia que soltava talco pelo “fiofó”, as músicas e quadrilhas, a molecada que corria para lá e para cá, e toda a animação que o circo possuía.

Geralmente, os meninos que anunciavam o circo durante o dia, ganhavam o ingresso para a primeira sessão, “[...] só tinha direito quem mostrasse a marca de tinta na testa” (p. 13), os meninos sonhavam em um dia serem palhaços, só para viverem sorrindo.

O preconceito social torna-se notório em alguns momentos mesmo em uma sociedade aparentemente tão simples e ingênua. O Seu Pergentino possuía uma ferida enorme na perna que chegava a feder, andava sempre no meio da rua com medo das pessoas nas calçadas desviarem dele, enquanto que Dona Berenice, que tinha uma

**BUILDING THE WAY**

ferida também enorme, por ser esposa de um fazendeiro rico da região foi para a capital e voltou curada, mas mesmo doente, nunca foi tão discriminado quanto Seu Pergentino.

E se todas as pessoas fossem palhaços, que é que acontecia? Só alegria, todo mundo pulando e cantando, carregando Seu Pergentino, ele com a car mais boa, rindo até não poder mais. Por que será mesmo sabendo que uma coisa é impossível de acontecer a gente acha bom pensar nela? (JAYME, 1999, p. 14).

50

Naquele dia de circo, o menino tinha gritado o anuncio o dia todo, mas quando foi entrar no espetáculo outro menino por nome de Geracino que tinha se tornado muito próximo do pessoal do circo e principalmente do porteiro, disse que ele não tinha anunciado o espetáculo naquele dia, realmente o porteiro não o deixou entrar. Neste momento a criança começou a chorar de raiva, mas não adiantava, não entraria mesmo. Mas certo dia o pai do Geracino foi busca-lo no circo.

Foi entrando e arrastando o puxa saco para fora, e isso que era murro na nuca, e mais isso que era pescoção no pé do ouvido. Eu te mato, seu cachorro, seu filho duma égua! E mão pra que te quero na carona safada dele. Mandou ele para casa e entrou de novo, agora mais enfezado ainda. A gente cá de fora só escutava aquela zoadá: não faz isso não, pelo amor de Deus! O homem endoidou, minha Nossa Senhora! Vou lá fora chamar um soldado, que te ensino já a invadir propriedade alheia! E a voz do pai naquelas alturas: eu mato, eu mato aquele filho da puta! Aparece e for homem! E não me segura não que eu mato é tudo! [...] (JAYME, 1999, p. 14).

Nesse momento a criança torna-se apenas um observador sem formular nenhum juízo sobre a ação vista. Mas ao traduzir a ação para a família em casa, sua avó se pronuncia de forma enfática, “*É isso que dá, ninguém sabe quem é, pode muito bem ser um tarado*” (p.14). A dedução da avó torna-se uma afirmativa a partir do momento que notamos os favorecimentos do porteiro com relação a Geracino, por isso a fúria do pai, ou seja, havia uma relação de pedofilia naquela “amizade”.

Após esse episódio, a criança volta ao universo da simplicidade do interior apresentando cenas contadas por sua avó, da época em que era nova, pois, não havia

**BUILDING THE WAY**

luz elétrica, nem automóvel, nem rádio, nem picolé, nada do que em sua época era comum de se imaginar.

Lembrou-se novamente do episódio do circo e sentiu raiva do tamanho da injustiça sofrida, logo ele que gritou o dia todo, o porteiro limpou a tinta de sua testa e disse que não era de verdade, justamente no dia da apresentação do drama “O mártir do Calvário”, encenação da paixão e morte de Cristo. Nos sábados apresentava-se um cantor que imitava outros famosos, com ar de pinguço cantava várias músicas famosas e sempre fechava seu espetáculo com “A louca de Albano ou O noivado no sepulcro”, esta última fazia a maior parte da platéia tapar o ouvidos de medo, pouco tinham coragem de ouvi-la.

O menino ao voltar para casa naquele dia de revolta reviveu através de sua memória, várias outras cenas e estórias, até ver Seu Artur Fogaça, um senhor que criava varias crianças como seus filhos, conversando com seu avô, e desta conversa o menino tirou uma lição.

Nesta vida, Seu Quin Thomaz, Seu Artur Fogaça sempre falava para o meu avô, ha uns muitos para mastigar e só uns poucos par engolir. Foi dique que me lembrei, e a minha vontade de chorar passou de vez. Agora o circo ia chegar novamente. Só que, dessa vez, eu não ia mastigar para outro engolir. Ah, não! (JAYME, 1999, p. 18)

As delimitações sociais, até o início da segunda metade do século vinte, apresentavam-se muito fortes, onde homens, possuíam um papel muito bem definido e respectivamente a mulher também, o fato dos primeiros poderem estar nas ruas, esquinas, conversando ou fazendo qualquer outra atividade, é visto como sinônimo de liberdade, abertura social, ou simplesmente tradição, sendo que, em contra partida, o que significa tradição para os homens, diante da situação feminina é estarem dentro de casa, mesmo sem atividade doméstica, mas em casa, o interessante é que essas também pensam assim reforçando o tradicionalismo patológico, a janela é a única abertura direta para o mundo exterior, ou ainda, apenas os sonhos, diante de uma realidade reducionista a um banquinho e a escuridão.

Em *Circo*, encontraremos uma visão bastante contundente sobre a realidade. Neste caso a família já mora na cidade do interior, sendo assim, não existe mais aquela

**BUILDING THE WAY**

mitificação do urbano, a realidade vivida é naturalmente simples por ser cotidiana, mas esta cotidianidade é quebrada com a possibilidade da chegada do circo. Este representava o novo o diferente, conseqüentemente o moderno em uma visão simplicista.

O *Circo*, possuía o poder até mesmo de ditar algumas modas, como as de música de época, roupas dos homens da capital, as dançarinas fora dos espetáculos apresentavam-se indiretamente com os modelos mais recentes de moda feminina, e várias outras. Mas de forma quase inconsciente, esse universo de maravilhas urbanas, trazia consigo alguns vícios e corrupções inócuos. O fato de quase sempre o circo partir da capital e circular as maiores cidades, cria um mecanismo de extremo liberalismo e independência de ações, principalmente porque cada membro do circo é de uma localidade diferente, possibilitando assim que algumas corrupções morais sejam até certo ponto suportadas ou não observadas.

A cultura goiana fica extremamente engrandecida ao observar como um todo se torna re-montavel por meio de textos literários e a capacidade de seu autor em produzir de forma tão cuidadosa a representação do seu universo, dessa forma, os elementos aparentemente singelos na descrição da paisagem, na linguagem, no narrador e principalmente na construção da cultura, expõe como se torna gracioso o trabalho do autor, em observar sua época, transpor os limites históricos, mas manter a recriação da história em ficções que extrapolam os limites da arte, transcribando toda sua realidade.

**Referências**

BARTHES, R. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_\_\_\_ *Magia e Técnica, Arte e Política* - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2. ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

GENETTE, Gerard. *O discurso da narrativa* - Tradução: MARTINS, Fernando Cabral. Lisboa, Portugal: Vega/Universidade Ltda, 1985.

**BUILDING THE WAY**

JAYME, Jesus de Aquino. *A viagem das chuvas e outros contos*, 2. ed., Ed. UFG, 1999.  
(Conto: Circo)

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária*. Ed. Rev. São Paulo, Melhoramento, ed. USP,  
1975.

ROCHA, Ruth, 1931. *Minidicionário*, Sao Paulo: Scipione, 1996.